

UMA TARDE NO LAGO GRANDE CURUAI, MACRORREGIÃO DO BAIXO AMAZONAS – PA

Maria Páscoa Sarmento de Sousa¹

Apesar de estarmos oficialmente na primavera no hemisfério sul, é verão na várzea amazônica e a seca é visível por toda a extensão do rio-mar. E, por onde o barco em que viajo passa, é possível ver as inúmeras “marcas” que a “cheia” do Amazonas deixou na paisagem este ano: lagoas rasas e barrentas onde aves diversas se aglomeram e grasnam em busca de mariscos; árvores expõem raízes apodrecidas recobertas por longos e secos fios de musgo nas barrancas caídas; finos regatos que rastejam rumo ao grande rio; reses magras pastam o morim seco nas restingas e praias que se estendem infinitamente de um lado e outro do rio, onde é possível ver as margens.

Navegando o Amazonas em direção noroeste, a partir do município de Santarém, desde as 07h00min, próximo às 12h30min o comandante anuncia nossa chegada à “Boca do Lago”. A informação é acompanhada de um odor acre, onde se misturam pitiús, tijucos, areia e terra seca, e que saúda as minhas narinas. Finalmente chegara ao Lago Grande Curuai!!

O sol intenso, que deixa a vista embaçada, permite antever a região denominada como Baixo Lago e, ao olhar para o interior, vejo árvores no meio do lago, mas o guia logo explica que são “miragens” criadas pelo intenso brilho do sol nas águas turvas. Logo percebo intensa atividade pesqueira e pequenas embarcações, desde rabetas, bajaranas, botes, canoas até cascos, que passam ao lado de nosso barco, entrando e saindo do lago, conduzidas por uma diversidade de homens, mulheres, jovens, idosos e crianças. Todos nos saúdam com acenos, “olás”, “obas”, “ois” e “boas tardes”.

¹ Quilombola marajoara, Graduada em Letras (UFPA), Mestra em Desenvolvimento do Trópico Úmido (UFPA) e Doutoranda em Antropologia com ênfase em Antropologia Social UFPA/2017. Suas áreas de interesse são: Quilombolas, Mulheres, Comunidades Quilombolas, Agência.



O Lago Grande Curuai situa-se a noroeste de Santarém e a distância entre a sede do referido município até a Boca do Lago é de aproximadamente 60 km, percorrida em até cinco (5) horas em barco/motor, mas também pode ser alcançado através da Rodovia Translago (PA-257) que liga Santarém a Juruti. Trata-se, assim, de um lago enorme que é dividido (partilhado) e utilizado em sistema de manejo sustentável por pessoas dos municípios de Santarém, Óbidos e Juruti. Sendo o distrito de Curuai uma das regiões mais povoadas do município de Santarém, explica-se a ocorrência de diversas comunidades às margens do lago, tais como: Vila Curuai, Araci, Vila Socorro, Acutireçá, Santa Helena, Ajamuri, entre outras, apenas na região do Baixo Lago, além de abrigar parte do território da Terra Indígena Cobra Grande, da etnia tapajós, formada pelas aldeias Caruci, Lago da Praia, Garimpo e Karidade.

Adentrando o lago em lancha “voadeira”, prossigo para o seu interior imenso e, mesmo no mormaço da tarde, há intensas atividades de pessoas e animais. Neste período do ano observa-se a pesca apenas com malhadeiras (grossa) e tarrafas, pois está na época do defeso de algumas espécies e também é necessário respeitar estratégias de manejo sustentável do lago, no intuito de preservar as espécies e a diversidade da ictiofauna. Seguindo o quase imperceptível “friso” do canal, que só o experiente guia consegue divisar nas rasas, mas agitadas águas do lago, “subimos” em direção oeste e, nessa direção, começo a avistar casas amarelas de palha de curuai ou pernaltas casas de madeira que oscilam no horizonte tremeluzente, e de onde pessoas curiosas viram-se para olhar a “voadeira” passar.

Nas áreas secas deixadas pelo recuo das águas, vê-se abundante relvado de capim morim, onde o gado pasta calmamente em meio a uma infinidade de pássaros, como garças, saracuras, socós, marrecas, jaburus, arirambas, maguaris, jaçanãs, mergulhões, taquiris, gaviões e urubus, que avidamente, assim como os humanos, disputam alimentos nas águas mais rasas do lago. Aqui e ali observam-se peixes “virados”, devido ao aumento da temperatura e menor oxigenação da água, mas apesar disso, ou talvez por causa disso, observa-se que as redes são recolhidas cheias de peixes, e cardumes de peixes brilhantes, assustados pela nossa passagem, pulam fora d’água.

Seguindo lentamente o friso, o barco é conduzido em direção ao povoado de Acutireçá. Neste ritmo lento e cuidadoso, um trecho de mais ou menos 15 km é percorrido em quase duas horas. Depois disso nos aproximamos da margem leste do Lago Grande, uma região mais acidentada, com barrancos que chegam a ter mais de 40 metros de altura, e onde vislumbro povoados marcados pela presença de igrejas pequenas e coloridas, aos quais se chega por escadarias escavadas no solo vermelho; em outros locais os povoados estão nas praias, a poucos metros das margens do grande lago, e onde vejo coloridos ipês.

Ao final do dia, retornamos ao barco que ficara ancorado na Boca do Lago, e deste local vivencio um dos mais belos pores do sol de minha vida: por volta das 17h30min, o sol brilha ainda com muita intensidade sobre a extensa planície aquática e, à medida que os minutos passam, a impressão que se tem é de que ele vai mergulhando lentamente no Lago Curuai, deixando um rastro intenso de luminosidade e matizes de vermelho no horizonte sem nuvens...

